

Conceitos Básicos de História

Teoria

O que é História para você?

Como definiu o historiador francês Marc Bloch, a história é uma ciência que estuda os seres humanos e suas ações no tempo. Seja através dos aspectos políticos, culturais, econômicos ou sociais ou até mesmo utilizando fontes como memórias, filmes, documentos oficiais ou livros, o historiador, ao fim, tem como interesse fundamental as relações humanas e as suas contradições. Compreender esses processos históricos, as rupturas e continuidades e as características de cada tempo são essenciais para entendermos principalmente o presente e as questões que nos rondam.

A História, como ciência, está ligada ao próprio presente, ou seja, à realidade do historiador que produz uma pesquisa em cima de questões do presente. Os acontecimentos do passado, no entanto, não possibilitam que um historiador preveja o futuro, pois, o passado é único em suas características e jamais se repetirá. Ainda que determinados eventos possam ter semelhanças, como a reeleição de um político, um golpe de Estado ou uma guerra, tais acontecimentos ainda assim possuem características únicas e são frutos de seus próprios tempos. Logo, por mais que o estudo do passado nos permita criar expectativas sobre o futuro, ele jamais será capaz de **profetizar** algo.

Da mesma forma, vale destacar que a História que estudaremos ao longo do ano é entendida como uma ciência, pois é escrita por historiadores profissionais que utilizam teorias e métodos para criarem hipóteses e desenvolverem pesquisas.



Para pensar e compreender o passado, os historiadores utilizam as chamadas **fontes históricas**, que são os vestígios humanos deixados pelo tempo e que nos auxiliam a entender o modo de vida, as formas de produção, as maneiras de pensar ou qualquer outra intervenção dos seres humanos.

Assim, as fontes que falam sobre o passado podem ser múltiplas e hoje, para o historiador, nada é descartável. Podemos citar como exemplo o próprio impacto das chamadas Fake News no desenrolar de questões políticas e sociais na contemporaneidade, pois, se um historiador rejeita uma fonte histórica por não ser legítima ou por não contar “uma verdade”, ele descarta também uma série de indagações que poderiam ser feitas ao documento, afinal, qual seria o propósito da mentira? O que teria levado alguém a falsificar um documento? Qual história o falsificador queria contar?



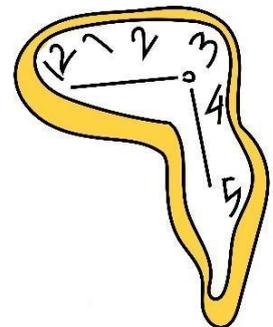
Cena do filme "O capital no século XXI", uma referência ao lema da Revolução Francesa, porém com o nome da cantora Beyoncé.

Disponível em: <http://variluxcinefrances.com/2020/filmes/o-capital-no-seculo-xxi/>

Hoje, podemos considerar uma grande quantidade de fontes para estudar o passado, entre filmes, fotografias, estatísticas, lendas urbanas, documentos, roupas, marcas, livros, tecnologias etc. Para utilizar essas fontes e interpretar o passado, construindo uma narrativa, o historiador, portanto, deve sempre indagar tais fontes e levantar questões e problemas postos pelo presente de forma crítica.

A questão do **anacronismo** também é fundamental ao se estudar história, pois, ao olhar para o passado, estamos sempre presos às convenções e aos problemas do presente, no entanto, ao estudar a história devemos sempre compreender o tempo através de suas próprias características, sem impor valores pessoais ou contemporâneos ao passado, pois este seria um olhar anacrônico. Um outro problema que também deve ser evitado para uma melhor compreensão do passado é o **etnocentrismo**.

Essa prática, muito comum, acaba levando estudantes e historiadores a compreensões muitas vezes preconceituosas sobre uma determinada sociedade de um tempo. Afinal, definir que um grupo seria atrasado comparado ao outro, ou hierarquizar etnias e civilizações coloca mais uma vez a imposição de valores pessoais sobre o passado, desrespeitando uma outra característica fundamental da história, que é a relatividade do tempo e a sua não-linearidade. Diferentes sociedades possuem diferentes formas de se desenvolver e de lidar com o mundo e com a sua história, logo, isso também deve ser levado em conta ao estudarmos o passado.



Como muitas vezes os períodos históricos são muito abrangentes, entre os historiadores, ainda existe a análise histórica focada em eixos temáticos que são divididos da seguinte forma, a fim de facilitar os estudos:

- **Cultura:** A cultura dentro do estudo histórico ajuda a compreender a vida dos operários, camponeses e artesãos, assim como das elites, já que este conceito abrange comportamentos sociais em um determinado contexto e região. Com o conceito de cultura, podemos abordar assuntos como a religiosidade, a arte, os hábitos cotidianos, mentalidades, etc. É importante lembrar que as culturas não devem ser hierarquizadas, ao contrário disso, a valorização da pluralidade de culturas é um caminho para a construção de um conhecimento que respeite a diversidade das sociedades.
- **Política:** Geralmente, associamos o conceito de política aos governantes e tendemos a pensar em um passado recente. No entanto, a política é tão antiga quanto à humanidade, já que este conceito se relaciona à ideia de poder e de administração das relações humanas em grupo, ou seja, desde que os homens começaram a viver em grupo e tomaram consciência de sua existência, existiam atos políticos. O estudo da política nos ajuda, assim, a compreender que poderes são instituídos em cada conjuntura histórica e, claro, como se relacionam com o restante da sociedade.
- **Sociedade:** O estudo da sociedade ajuda a compreender como nos organizamos no decorrer da história. As formas de organização social se transformam ao longo do tempo, assim como variam muito de região para região. É importante relacionar o conceito de sociedade com o de cultura e de política, já que estão em permanente diálogo.
- **Economia:** O estudo da economia está associado às relações de produção e troca. Ou seja, debruça-se sobre as atividades produtivas e as relações a elas associadas. A forma como os indivíduos produzem traz, sem dúvidas, inúmeros impactos sobre as demais relações sociais. Assim, um estudo da economia é fundamental para compreensão de seus impactos nas sociedades humanas de diversos contextos históricos.

Dicas para estudar história

A história é uma das disciplinas que incluímos na área de “Ciências Humanas e suas tecnologias” e apresenta um cronograma de estudos que costuma ser separado em conteúdos. No entanto, apesar de concursos apresentam roteiros de estudo para a área de história, as provas demandam do aluno não apenas um conhecimento objetivo dos assuntos determinados e ensinados no Ensino Médio, mas também:

- Uma perspectiva crítica sobre o que foi estudado, compreendendo o papel da história na valorização da cidadania, dos direitos humanos e da democracia;
- A correlação dos temas com a realidade atual, entendendo como os processos históricos se relacionam com as questões do presente;
- A contextualização de questões apresentadas, identificando e analisando as características do período abordado;
- A capacidade de compreender interdisciplinaridades e transdisciplinaridades;
- Habilidades de interpretação de texto.

Para desenvolver essas habilidades, é essencial que o aluno possa estar sempre relacionando os conteúdos estudados às notícias do dia a dia, ou seja, mantendo-se informado, é importante

também que se desenvolva uma bagagem cultural, com o conhecimento de filmes, músicas, livros, movimentos artísticos e sociais que estejam relacionados ao tema estudado, e que o aluno realize associações entre as disciplinas.

Além disso, com o extenso cronograma, estudar história também exige organização e métodos. Visto isso, o primeiro passo para mandar bem em história é organizar seus estudos. Logo, é fundamental que o aluno:

- Conheça a prova que vai realizar, analisando os textos e o formato das questões;
- Saiba quais são os conteúdos cobrados e os que mais apareceram nos últimos anos;
- Separe bem seu tempo de preparo para estudar tanto a teoria quanto a prática.

Desta forma, para facilitar o aprendizado dos conteúdos de história, algumas práticas podem ajudar na organização e contextualização dos conteúdos. Dentre elas, podemos pensar a história através da divisão por períodos e por eixos temáticos.

A divisão da história em períodos

Assim, tendo em vista essas questões fundamentais sobre o estudo da história e tendo em mente que hoje os historiadores trabalham com uma ideia de história **não linear**, ou seja, sem uma noção de “início, meio e fim” determinados e nem comparações entre o tempo histórico de diferentes grupos, vale destacar que, para fins didáticos, ainda realizamos uma divisão linear e cronológica da história no ocidente. Deste modo, o estudo da história, sobretudo não acadêmico, continua impregnado por uma **visão eurocêntrica** e limitada do tempo, mas que, apesar de ser muito criticada, por fim, auxilia na compreensão cronológica dos fatos estudados.

Visto isso, um dos pontos fundamentais dessa cronologia, para as **tradições ocidentais**, seria o nascimento de Jesus Cristo que, para uma civilização historicamente cristã, é o momento mais importante da humanidade. Logo, seguimos essa orientação independente de outras religiões. Essa escolha, apesar de muito baseada também em aspectos astronômicos, revela como as **relações de poder** influenciam na maneira como a história é contada.

Desta forma, ainda classificamos os séculos de acordo com períodos que se iniciam e terminam com eventos que tiveram grande poder de ruptura com o passado e que proporcionaram mudanças na própria estrutura da sociedade ocidental. Lembre-se que, para o ENEM, habilidades como decorar nomes e lembrar datas não são tão relevantes quanto a **contextualização**, que é o mais importante.

Algumas datas e nomes mais importantes e que precisam ser lembrados serão destacados em aulas e vão facilitar a compreensão dos acontecimentos estudados, mas, ressaltamos que a capacidade de contextualizar, de compreender os processos históricos, de identificar causas e consequências e entender as características principais de cada período são os passos mais relevantes. Desta forma, para facilitar essa compreensão e a localização dos conteúdos no tempo, podemos construir a seguinte “linha do tempo”:



Os probleminhas históricos

Durante muito tempo a História focou a sua produção nas grandes personalidades e esqueceu, propositalmente, a História da vida cotidiana e das figuras que não compunham as classes dominantes. Tal formulação permite compreender que a narrativa histórica é permeada por um caráter político que escolhe dar visibilidade, assim como escolhe **invisibilizar** determinadas histórias, pessoas e processos.

A História, ao longo do tempo, foi contada pelo lado do “vencedor” ou daquele que é considerado o lado mais forte. Pensa aqui comigo: por que a História do Brasil só começa oficialmente com a chegada dos europeus à América? Por que durante um bom tempo se negou que o Egito ficava no continente africano e era composto por civilizações pretas? Por que quase não estudamos sobre os povos nativos que viviam há milhares de anos no continente americano?

Ou seja, quem possui o domínio da palavra tem o privilégio de escrever a história de modo a satisfazer os seus próprios interesses. Um importante pesquisador chamado Michel Foucault, em seu livro “A Ordem do Discurso”, afirma que o discurso proferido por uma pessoa/grupo diz mais sobre ela e sobre as suas vontades, do que de fato, sobre aquele que é o objeto da sua fala. E quem domina o discurso, através de instituições administrativas disciplinares, como a escola, são aqueles que monopolizam o direito de falar por si e pelo outro.

Logo, o processo de **ocultação e esquecimento** é resultado das relações de poder que influenciam diretamente na maneira como a história é contada. Quantas mulheres você estudou ao longo do seu período escolar? Quantos negros você vê no seu livro que não são representados como escravizados? Quanta resistência indígena ao processo de colonização é apresentada a você?

Sendo assim, a **memória** se apresenta como um importante contribuinte para a construção de uma história mais inclusiva e crítica, uma vez que dá a oportunidade a pessoas e a processos que a historiografia oficial relegou durante muito tempo a nota



de rodapé. Contudo, a relação entre história e memória nem sempre foi pacífica, uma vez que despertou, e ainda desperta, uma série de discussões dentro da academia pela questão pessoal e afetiva dos relatos pessoais.

A modificação da relação entre ambas se deu a partir da década de 1960 e 1970 como um resultado de uma crise da produção historiográfica e da eclosão de uma série de movimentos que criticavam uma história escrita apenas para e por um seletivo grupo. Dentro desse processo, o movimento feminista e os sobreviventes do Holocausto, por exemplo, foram essenciais para ressignificação do papel da memória e da História Oral.

O papel do historiador passou a ser o de olhar a memória e os relatos pessoais com um olhar mais **crítico** que, em conjunto com outros documentos, como jornais, boletins de ocorrência e etc., podem reconstruir determinados momentos e/ou personagens esquecidos ao longo do tempo. O papel da História é chegar o mais próximo possível da verdade através da análise dos fatores envolvidos nessa memória. Até porque muitos autores apontam para a importância de lembrar que a memória é baseada na relação entre **esquecimento e a conservação**, uma vez que os eventos que se escolhe lembrar são tão importantes quanto aqueles que se escolhe apagar.

Todavia, o resgate da memória individual e coletiva é extremamente importante para a construção de uma história menos excludente. Em casos como a luta das mulheres, os testemunhos são de suma importância para o resgate do protagonismo dessas, e de muitos outros grupos, cujo espaço de atuação é direcionado à invisibilidade. É como disse a escola de samba Estação Primeira de Mangueira em seu samba-enredo de 2019: é a história que a História não conta!

“Brasil, meu dengo / A Mangueira chegou / Com versos que o livro apagou / Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento / Tem sangue retinto pisado / Atrás do herói emoldurado / Mulheres, tamoios, mulatos / Eu quero um país que não está no retrato.”

Trecho do samba-enredo da Mangueira de 2019.

Como a narrativa histórica é um campo de **disputa permanente**, seus atores estão constantemente utilizando-a de acordo com os seus interesses e de forma a reconstruir memórias, grupais e individuais, como no caso da reportagem abaixo:



Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/estatua-de-ativista-negra-substitui-a-de-trafficante-de-escravos-no/147249/>

O que esses movimentos de contestação fazem é dar voz a quem é de direito e escrever uma narrativa que não ignore parcelas significativas da sociedade e nem exalte figuras que possuam uma participação controversa na História. Logo, tanto a memória quanto a história estão inseridas dentro de um processo de construção de identidade, coletiva e individual, que é muito mais complexa do que apenas definir gostos e estilos.

Para alguns autores, como Stuart Hall, falar em **identidade** soa, de certa forma, até incorreto, uma vez que a sua construção está em constante modificação. Ela não é algo formado e nem definido, uma vez que se mantém em aberto e em processo de formação. Por isso, talvez a palavra identificação soasse melhor ao se referir a essa construção social, política, econômica e cultural. A identidade é fruto de um processo contínuo de transformação.

Esse aspecto de mutação constante da identidade seria uma característica – que herdou da Idade Moderna – da sociedade contemporânea, a modificação e aceleração do tempo a partir do processo de industrialização. Hoje, tudo é rápido e mutável demais. A própria globalização contribuiu para a quebra de uma identidade apenas local a partir da alteração da relação do espaço-tempo, ela atravessou barreiras, conectando e integrando diversas regiões, comunidades e grupos.



Assim, o que define você como um brasileiro? Certamente, uma história, uma origem, um território e diversas outras coisas em comum. Mas quem define a origem de tudo isso? Para muitos historiadores, como o próprio Stuart Hall, o processo de formação da identidade nacional é quase sempre forjado pela **violência**, uma vez que é baseada na sobreposição de uma cultura dominante que precisou englobar, como também abafar, alguns aspectos de outras culturas existentes no mesmo espaço em nome de uma suposta “unidade nacional”.

Ao falar de identidade nacional, por exemplo, o **patrimônio** constitui uma importante parcela da construção imaginária e concreta de uma nacionalidade. Que personagens históricos são

considerados os heróis da nação? De quem são os nomes que as ruas levam? De quem são as estátuas espalhadas pelo país? Quais as tradições são consideradas importantes?

Tudo isso é definido por aqueles que constroem a História de uma nação e por aqueles que são responsáveis por preservá-la, como o Estado e organizações culturais, por exemplo. O patrimônio dá acesso aos **lugares de memória** de uma sociedade, uma vez que ele é tudo aquilo que ajuda a compor a memória e a história de determinado povo. Esses espaços de memória podem ser compostos tanto por coisas **concretas e materiais**, como ruínas, edifícios, pinturas, quanto por coisas **abstratas e imateriais**, como a capoeira, o jongo e o ofício das Baianas de Acarajé.

Pega a visão: não esquece que a história não acontece de forma *beeem separadinha*, porque ela é como a nossa vida: **tudo junto e misturado**. Então, o que acontece em outros locais influencia, direta e indiretamente, o que acontece aqui e vice-versa. Além disso, abandone essa ideia de que para estudar história é preciso gravar datas e nomes. Esquece! Aprenda a contextualizar e a entender as causas e consequências políticas, econômicas, sociais e culturais de determinado fato histórico. De que forma a História tem interferido na sua história? De que forma você está fazendo História aí do outro lado da tela? O nosso lema (e o do Enem) é: **pensamento crítico**, bebê!

3 dicas para estudar Humanas

1. O contexto histórico é muito importante! (causa, processo e consequência)
2. Entenda a cronologia dos eventos.
Assim fica mais fácil e menos caótico!
3. Fique atento(a) aos conteúdos que mais aparecem no Enem

Quer mais dicas de como estudar cada disciplina? Confere [aqui](#) no nosso post!

Exercícios de Fixação

- Qual é o período histórico posterior à Idade Média?
 - Idade Moderna.
 - Idade Antiga.
 - Pré-História.
 - Atualmente, o que pode ser considerado como uma fonte histórica?
 - Qual a principal diferença entre a memória e a história?
 - Relacione os conceitos com os seus significados:
 - Lugar de Memória
 - Identidade
 - Patrimônio

() É composto por objetos concretos e materiais, assim como por coisas abstratas e imateriais.

() São os espaços que ajudam a compor a memória e a história de determinado povo.

() É uma construção social, política, econômica e cultural, que tem um caráter individual e coletivo.
 - No Segundo Reinado, há um crescimento das exportações do café brasileiro e das importações de produtos ingleses. Analisando esses dados, estamos focando principalmente no eixo temático de:
 - Cultura.
 - Economia.
 - Saúde.
-

Exercícios de Vestibulares



1. (Enem, 2021)

TEXTO I

Portadoras de mensagem espiritual do passado, as obras monumentais de cada povo perduram no presente como o testemunho vivo de suas tradições seculares. A humanidade, cada vez mais consciente da unidade dos valores humanos, as considera um bem comum e, perante as gerações futuras, se reconhece solidariamente responsável por preservá-las, impondo a si mesma o dever de transmiti-las na plenitude de sua autenticidade.

Carta de Veneza, 31 de maio de 1964. Disponível em: www.iphan.gov.br. Acesso em: 7 out. 2019.

TEXTO II

Os sistemas tradicionais de proteção se mostram cada vez menos eficientes diante do processo acelerado de urbanização e transformação de nossa sociedade. A legislação de proteção peca por considerar o monumento, até certo ponto, desvinculado da realidade socioeconômica. O tombamento, ao decretar a imutabilidade do monumento, provoca a redução de seu valor venal e o abandono, o que é uma causa, ainda que lenta, de destruição inevitável.

TELLES, L. S. Manual do patrimônio histórico. Porto Alegre; Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brides, 1977 (adaptado).

Escritos em temporalidade histórica aproximada, os textos se distanciam ao apresentarem pontos de vista diferentes sobre a(s)

- (A) ampliação do comércio de imagens sacras.
- (B) substituição de materiais de valor artístico.
- (C) políticas de conservação de bens culturais.
- (D) defesa da privatização de sítios arqueológicos.
- (E) medidas de salvaguarda de peças museológicas.

2. (Enem, 2021) Foram esses cientistas Xavante que esclareceram os mistérios da germinação de cada uma das sementes. Eles tinham o conhecimento para quebrar a dormência. O fogo era fundamental para muitas; para outras, o caminho para despertar passava pelo sistema digestivo dos animais silvestres. "Essa planta nasce depois que fazemos a caçada com fogo diziam eles, esta outra quando a anta caga a semente, aquela precisa ser comida pelo lobo". Aliando os conhecimentos dos cientistas da aldeia e da cidade, essa área do Cerrado foi recuperada totalmente.

APPIANI, A. Acesso em 10 ou. 2019 (adaptado)

No texto, a relação socioespacial dos indígenas evidencia a importância do(a)

- (A) prática agrícola para a logística nacional.
 - (B) cultivo de hortaliças para o consumo urbano.
 - (C) saber tradicional para a conservação ambiental.
 - (D) criação de gado para o aprimoramento genético.
 - (E) reflorestamento comercial para a produção orgânica.
-

3. (Enem PPL, 2019) Uma privatização do espaço maior do que aquela proporcionada pelo quarto evidencia-se cada vez mais nos séculos XVII e XVIII. Como as ruelles [espaço entre a cama e a parede], as alcovas são espaços além do leito, longe da porta que dá acesso à sala (ou à antecâmara, nas casas da elite). Thomas Jefferson, tecnólogo do estilo século XVIII, mandou construir uma parede em torno de sua cama a fim de fechar completamente o pequeno cômodo além do leito – cômodo no qual só ele podia entrar, descendo da cama do lado da ruelle.

RANUM, O. Os refúgios da intimidade. In: CHARTIER, R. (Org.). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009 (adaptado).

A partir do século XVII, a história da casa, que foi se modificando para atender aos novos hábitos dos indivíduos, provocou o(a)

- (A) ampliação dos recintos.
 - (B) iluminação dos corredores.
 - (C) desvalorização da cozinha.
 - (D) embelezamento dos jardins.
 - (E) especialização dos aposentos.
4. (Enem PPL, 2019) Para dar conta do movimento histórico do processo de inserção dos povos indígenas em contextos urbanos, cuja memória reside na fala dos seus sujeitos, foi necessário construir um método de investigação, baseado na História Oral, que desvelasse essas vivências ainda não estudadas pela historiografia, bem como as conflitivas relações de fronteira daí decorrentes. A partir da história oral foi possível entender a dinâmica de deslocamento e inserção dos índios urbanos no contexto da sociedade nacional, bem como perceber os entrelugares construídos por estes grupos étnicos na luta pela sobrevivência e no enfrentamento da sua condição de invisibilidade.

MUSSI, P. L. V. Tronco velho ou ponta da rama? A mulher indígena terena nos entrelugares da fronteira urbana. *Patrimônio e Memória*, n. 1, 2008.

O uso desse método para compreender as condições dos povos indígenas nas áreas urbanas brasileiras justifica-se por

- (A) focalizar a empregabilidade de indivíduos carentes de especialização técnica.
 - (B) permitir o recenseamento de cidadãos ausentes das estatísticas oficiais.
 - (C) neutralizar as ideologias de observadores imbuídos de viés acadêmico.
 - (D) promover o retorno de grupos apartados de suas nações de origem.
 - (E) registrar as trajetórias de sujeitos distantes das práticas de escrita
-

5. (Enem, 2021) Eu, Dom João, pela graça de Deus, faço saber a V. Mercê que me aprouve banir para essa cidade vários ciganos – homens, mulheres e crianças – devido ao seu escandaloso procedimento neste reino. Tiveram ordem de seguir em diversos navios destinados a esse porto, e, tendo eu proibido, por lei recente, o uso da sua língua habitual, ordeno a V. Mercê que cumpra essa lei sob ameaça de penalidades, não permitindo que ensinem dita língua a seus filhos, de maneira que daqui por diante o seu uso desapareça.

TEIXEIRA, R. C. *História dos ciganos no Brasil*. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

A ordem emanada da Coroa portuguesa para sua colônia americana, em 1718, apresentava um tratamento da identidade cultural pautado em

- (A) converter grupos infiéis à religião oficial.
- (B) suprimir formas divergentes de interação social.
- (C) evitar envolvimento estrangeiro a economia local.
- (D) reprimir indivíduos engajados em revoltas nativistas.
- (E) controlar manifestações artísticas de comunidades autóctones.



6. (Enem PPL, 2019) Os pesquisadores que trabalham com sociedades indígenas centram sua atenção em documentos do tipo jurídico-administrativo (visitas, testamentos, processos) ou em relações e informes e têm deixado em segundo plano as crônicas. Quando as utilizam, dão maior importância àquelas que foram escritas primeiro e que têm caráter menos teórico e intelectualizado, por acharem que estas podem oferecer informações menos deformadas. Contrariamos esse posicionamento, pois as crônicas são importantes fontes etnográficas, independentemente de serem contemporâneas ao momento da conquista ou de terem sido redigidas em período posterior. O fato de seus autores serem verdadeiros humanistas ou pouco letrados não desvaloriza o conteúdo dessas crônicas.

PORTUGAL, A. R. *O ayllu andino nas crônicas quinhentistas: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

As fontes valorizadas no texto são relevantes para a reconstrução da história das sociedades pré-colombianas porque

- (A) sintetizam os ensinamentos da catequese.
- (B) enfatizam os esforços de colonização.
- (C) tipificam os sítios arqueológicos.
- (D) relativizam os registros oficiais.
- (E) substituem as narrativas orais

7. (Enem PPL, 2014) Desde 2002, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) tem registrado certos bens imateriais como patrimônio cultural do país. Entre as manifestações que já ganharam esse status está o ofício das baianas do acarajé. Enfatize-se: o ofício das baianas, não a receita do acarajé. Quando uma baiana prepara o acarajé, há uma série de códigos imperceptíveis para quem olha de fora. A cor da roupa, a amarra dos panos e os adereços mudam de acordo com o santo e com a hierarquia dela no candomblé. O Iphan conta que, registrando o ofício, "esse e outros mundos ligados ao preparo do acarajé podem ser descortinados".

KAZ, R. A diferença entre o acarajé e o sanduíche de Bauru. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, n. 13, out. 2006 (adaptado).

De acordo com o autor, o Iphan evidencia a necessidade de se protegerem certas manifestações históricas para que continuem existindo, destacando-se nesse caso a

- (A) mistura de tradições africanas, indígenas e portuguesas no preparo do alimento por parte das cozinheiras baianas.
 - (B) relação com o sagrado no ato de preparar o alimento, sobressaindo-se o uso de símbolos e insígnias pelas cozinheiras.
 - (C) utilização de certos ingredientes que se mostram cada vez mais raros de encontrar, com as mudanças nos hábitos alimentares.
 - (D) necessidade de preservação dos locais tradicionais de preparo do acarajé, ameaçados com as transformações urbanas no país.
 - (E) importância de se treinarem as cozinheiras baianas a fim de resgatar o modo tradicional de preparo do acarajé, que remonta a escravidão.
8. (Enem, 2015) Iniciou-se em 1903 a introdução de obras de arte com representações de bandeirantes no acervo do Museu Paulista, mediante a aquisição de uma tela que homenageava o sertanista que comandara a destruição do Quilombo de Palmares. Essa aquisição, viabilizada por verba estadual, foi simultânea à emergência de uma interpretação histórica que apontava o fenômeno do sertanismo paulista como o elo decisivo entre a trajetória territorial do Brasil e de São Paulo, concepção essa que se consolidaria entre os historiadores ligados ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo ao longo das três primeiras décadas do século XX.

MARINS, P. c. G. Nas matas com pose de reis: a representação de bandeirantes e a tradição da retratística monárquica europeia. *Revista do LEB*, n. 44, fev. 2007.

A prática governamental descrita no texto, com a escolha dos temas das obras, tinha como propósito a construção de uma memória que

- (A) afirmava a centralidade de um estado na política do país.
 - (B) resgatava a importância da resistência escrava na história brasileira.
 - (C) evidenciava a importância da produção artística no contexto regional.
 - (D) valorizava a saga histórica do povo na afirmação de uma memória social.
 - (E) destacava a presença do indígena no desbravamento do território colonial.
-

9. (Enem PPL, 2019) O frevo é uma forma de expressão musical, coreográfica e poética, enraizada no Recife e em Olinda, no estado de Pernambuco. O frevo é formado pela grande mescla de gêneros musicais, danças, capoeira e artesanato. É uma das mais ricas expressões da inventividade e capacidade de realização popular na cultura brasileira. Possui a capacidade de promover a criatividade humana e também o respeito à diversidade cultural. No ano de 2012, a Unesco proclamou o frevo como Patrimônio Imaterial da Humanidade.

PORTAL BRASIL. Disponível em: www.brasil.gov.br. Acesso em: 10 fev. 2013.

A característica da manifestação cultural descrita que justifica a sua condição de Patrimônio Imaterial da Humanidade é a

- (A) conversão dos festejos em produto da elite.
- (B) expressão de sentidos construídos coletivamente.
- (C) dominação ideológica de um grupo étnico sobre outros.
- (D) disseminação turística internacional dos eventos festivos.
- (E) identificação de simbologias presentes nos monumentos artísticos.

10. (Enem, 2019) De modo geral, os logradouros de Fortaleza, até meados do século XIX, eram conhecidos por designações surgidas da tradição ou de funções e edificações que lhes caracterizavam. Assim, chamava-se Travessa da Municipalidade (atual Guilherme Rocha) por ladear o prédio da Intendência Municipal; S. Bernardo (hoje Pedro Pereira) por conta de igreja homônima; Rua do Cajueiro (atual Pedro Borges) por abrigar uma das mais antigas e populares árvores da capital. Já a Praça José de Alencar, na década de 1850, era popularmente designada por Praça do Patrocínio, pois em seu lado norte se encontrava uma igreja homônima.

SILVA FILHO, A. L. M. Fortaleza: imagens da cidade. Fortaleza: Museu do Ceará; Secult-CE, 2001 (adaptado).

Os atos de nomeação dos logradouros, analisados de uma perspectiva histórica, constituem

- (A) formas de promover os nomes das autoridades imperiais.
- (B) modos oficiais e populares de produção da memória nas cidades.
- (C) recursos arquitetônicos funcionais à racionalização do espaço urbano.
- (D) maneiras de hierarquizar estratos sociais e dividir as populações urbanas.
- (E) mecanismos de imposição dos itinerários sociais e fluxos econômicos na cidade.

Se liga!

Sua específica é Humanas e quer continuar treinando esse conteúdo?
Clique [aqui](#) para fazer uma lista extra de exercícios.

Gabaritos

Exercícios de fixação

1. **B**

A expressão remete a um processo de ocultação de pessoas e processos que foram importantes para a narrativa histórica de determinados grupos. Tal processo de invisibilidade vem sendo combatido através do resgate da memória e da narrativa histórica desses grupos “subalternos” e das lutas e resistências em torno dos símbolos e discursos que são naturalizados na sociedade.

2. Durante uma boa parte do tempo, a historiografia valorizou a fonte escrita em detrimento de outras. Atualmente, esse paradigma vem sendo quebrado e tudo aquilo que é produzido pelo homem e pela sua relação com o seu meio pode ser considerado uma fonte histórica, como filmes, fotografias, músicas, memes, leis, danças, histórias orais, etc.

3. A principal diferença da memória para história é o seu caráter pessoal e afetivo. Enquanto a História é uma ciência que tem o compromisso de utilizar um método científico para análise e interpretação das conjunturas e dos fatos históricos, a memória é seletiva, pessoal e não possui qualquer rigor científico. Por isso, o papel da História é o de chegar o mais próximo possível da verdade através da análise crítica dos fatores envolvidos nessa memória.

4. **Respostas das alternativas:**

(3) É composto por objetos concretos e materiais, assim como por coisas abstratas e imateriais.

(1) São os espaços que ajudam a compor a memória e a história de determinado povo.

(2) É uma construção social, política, econômica e cultural, que tem um caráter individual e coletivo.

5. **B**

O enunciado destaca questões de base econômica do período, como a economia do café.

Exercícios de vestibulares

1. **C**

No texto 1, há uma interpretação dos patrimônios com significados universais e imutáveis, sendo naturalmente aceitas por todas as gerações. Já no texto 2, há uma interpretação dos patrimônios como mutáveis e influenciados por questões socioculturais, o que para o autor impacta na própria política de conservação.

2. **C**

Através do trecho destacado é possível perceber que os saberes tradicionais compartilhados pelo povo Xavante permitiram aos cientistas da aldeia e das cidades promoverem práticas de recuperação e conservação ambiental na região do Cerrado.

3. **E**

De acordo com o trecho, a mudança de hábitos na vida privada ao longo da Idade Moderna proporcionou o surgimento de novas utilidades para os cômodos das casas.

- 4. E**
A forma que o autor encontrou de dar visibilidade para a luta de povos que possuem a sua construção cultural e social baseada na tradição oral foi a de registrar as lutas e as atuações dos indígenas que vivem no meio urbano.
 - 5. B**
Ao proibir o uso da língua estrangeira e seu ensino nas colônias, o rei desejava anular formas de interação social que fossem divergentes aos padrões europeus.
 - 6. D**
A utilização de crônicas como uma fonte histórica se insere como um importante contraponto as narrativas oficiais da historiografia que são construídas pelo lado “vencedor” da história. Tais fontes ajudam a relativizar a história construída em torno dos documentos oficiais que foram criados pelos colonizadores e, portanto, estão imbuídos do seu olhar etnocêntrico sobre os nativos americanos.
 - 7. B**
No caso específico do preparo do acarajé, o seu reconhecimento como um patrimônio cultural é essencial para a valorização e resistência de uma religiosidade e cultura que, durante boa parte da história brasileira foi, e ainda é, perseguida. Importante tomar cuidado, pois o que está sendo reconhecido como patrimônio é o modo de fazer o alimento e não o seu local de preparo, como indica o próprio texto.
 - 8. A**
Na busca pelo fortalecimento de identidade nacional, conveniente para a atuação da política no país, cria-se a imagem do Herói Bandeirante, que desbravou as matas no Brasil, expandindo nosso território e absorvendo novos conhecimentos. Atualmente, sabemos que a atuação dos bandeirantes não caminhava muito nesse sentido, pois foram eles os responsáveis pela escravização de indígenas, apresamento de escravizados fugitivos e geração de conflitos internos.
 - 9. B**
Como o próprio texto destaca, o frevo é uma forma de expressão musical, cultural e artística composta pela união de vários gêneros músicas e aspectos culturais que foram construídos coletivamente ao longo do tempo, daí a sua importância como um Patrimônio Imaterial da Humanidade.
 - 10. B**
O trecho remonta aos diferentes processos de construção de locais de memória, os oficiais e os populares, que nem sempre andam de mãos dadas. Enquanto para o povo os nomes estão mais ligados a funcionalidade dos espaços e a memória afetiva, a nomeação oficial está mais ligada à homenagem a determinadas figuras supostamente consideradas importantes para a História do país.
-